

## Antecedentes de Roque Santeiro

Da extensa produção teatral de Dias Gomes, para os objetivos do presente trabalho devemos destacar uma, *Vargas*, por ser uma espécie de embrião de *Roque Santeiro*. Criada em 1968 com o título de *Dr. Getúlio, sua vida, sua glória*, a peça foi rebatizada em 1983 como *Vargas*, e foi escrita em parceria com o poeta Ferreira Gullar, pois Dias Gomes desconfiava de seu próprio talento versificador. Com música de Edu Lobo e Chico Buarque, a peça também discute o mito, o herói. No caso, Getúlio Vargas, que foi chefe de uma revolução armada, a de 1930, ditador sanguinário e líder popular eleito nas urnas, tendo sido amado e odiado pelo povo. Não bastasse o tema ser muito próximo na peça teatral e na telenovela, a discussão da necessidade do herói em uma sociedade contemporânea, que ocorre em *Vargas* como em *Roque Santeiro*, a forma entre ambas as obras guardará alguma semelhança. *Vargas* é uma peça teatral apresentada como o ensaio de um desfile de escola de samba do subúrbio carioca, que vai fazer uma fusão da história de Getúlio Vargas com os personagens de uma escola de samba. Simpatia é o nome do presidente da escola de samba que representa o papel de Vargas no enredo da escola, tendo como antagonista Tucão, bicheiro rico que financiou a escola durante os dez anos em que foi seu presidente e que perdeu a eleição direta exatamente para Simpatia. Tucão no enredo representa Lacerda, o maior inimigo de Vargas. A escola, com a eleição democrática de Simpatia/Vargas está muito mais feliz, porém não tem dinheiro para desfilar, pois Tucão/Lacerda fechou o cofre, pressionando a comunidade a depor Simpatia/Vargas, que resiste até a morte. A fusão entre a ficção da disputa do poder na quadra da escola de samba com a disputa de poder entre Vargas e as forças reacionárias comandadas pelo Governador Lacerda que culminaram no suicídio de Vargas e a volta do amor do povo à sua figura, transformando Vargas em um mito, com uma adoração popular quase religiosa, proporciona uma peça primorosa, em que a poesia de Chico Buarque e a música de Edu Lobo, aliadas a músicas de outros compositores contra e a favor de Getúlio, com inserção de

fragmentos de discursos de Lacerda e do próprio Getúlio e jingles eleitorais, produzem um monumento de literariedade e intertextualidade.

Mais importante ainda para o nosso trabalho é que *Vargas* parece ser um ensaio para *Roque Santeiro*, que entendemos como um desfile carnavalesco feito na televisão, reproduzindo no veículo do século XX as primordiais festas saturnais, onde se glorificava a repetição da natureza, simbolizando a vida e o renascimento, qual seja, a eternidade.

Desta peça, Anatol Rosenfeld, um dos estudiosos que melhor analisaram a obra dramática de Dias Gomes, diz o seguinte:

Como a *Revolução dos Beatos* se inspira no bailado dramático popular do Boi-Bumbá, assim *Dr. Getúlio, sua vida e sua glória*, recorre à forma teatral do enredo e do cortejo das escolas de samba. Trata-se de uma forma teatral autenticamente popular e autenticamente brasileira, embora se conheçam desde a Antiguidade tipos semelhantes de teatros de desfile e procissão. (ROSENFELD: 1982, 79)

Pois em *Roque Santeiro*, mais do que nunca, Dias Gomes é saturniano, com seus personagens únicos e universais, seus personagens cruéis e bem humorados, com sua cidade fictícia de Asa Branca, onde o progresso se faz em nome de um falso ato heróico, quando Roque Santeiro, jovem fazedor de santos de gesso e barro, sacristão da igreja, foi feito herói e mártir pela imaginação popular. Em torno do herói e santo, se fez o turismo religioso, fazendo a cidade crescer e este milagre, o desenvolvimento da cidade é real.

É a crença do herói e do mito, que transpassa a história de todos os povos, desde o grego Aquiles, o herói imortal que não era tão imortal assim, passando pelo sul americano Inca, mistura de rei com deus, pelo português D. Sebastião, rei português destruído pelos mouros em Alcacer-Quibir, Marrocos, que fincou raízes no imaginário do povo português que esperou sua volta durante séculos. Pois Roque é o mito fabricado de um ato de heroísmo inexistente, que está vivo exatamente porque fugiu, pecado maior de um herói. O mito fez a fortuna de Asa Branca, mas Roque nunca foi herói, muito menos santo, um morto que não morreu, uma fraude, cuja volta traz enormes transtornos a todos os habitantes da terra natal, tantos aos poderosos como aos humildes. O mito de Dias Gomes guarda fortes semelhanças com o de Fernando Pessoa, em *A Mensagem*, quando diz que “o mito é o nada que é tudo” (PESSOA: 1996, 8).

Para Hegel, o herói só pode existir em um tempo mítico, a-histórico, onde os valores estão acima de tudo na individualidade. Por isso, não pode haver heróis nos tempos modernos, onde o estado media as ações dos supostos heróis. Brecht vai immortalizar a frase “feliz o povo que não tem heróis”, mas a necessidade do herói, ou sua negativa, vai perpassar toda a literatura engajada.